

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O PAPEL DO CÉREBRO NA APRENDIZAGEM

Kétsia Ferreira Viana Bezerra Dias¹; Ana Paula Marinho dos Santos²; Lucicleide Araújo Rodrigues³; Maria da Guia Rodrigues Rasia⁴

¹Universidade Estadual da Paraíba – diasketsia@gmail.com; ²Universidade Estadual da Paraíba – anap_marinho@hotmail.com; ³Universidade Estadual da Paraíba – lucicleidearaujo727@gmail.com; ⁴Universidade Estadual da Paraíba – mg.rasia@hotmail.com

Resumo: O presente artigo resultou do desenvolvimento de uma pesquisa de campo acerca das Dificuldades de Aprendizagem (DA), oportunizada pelo Componente Curricular Psicopedagogia, sob orientação da professora Dra. Maria da Guia Rodrigues Rasia, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba / Campus I, Campina Grande – PB. Nosso objetivo ao realizar essa pesquisa consistiu em analisar como as dificuldades de aprendizagem têm sido visualizadas no âmbito escolar, bem como, compreender como funciona o cérebro das crianças que apresentam DA e enaltecer a importância do professor durante o processo de aquisição de conhecimentos dessas crianças com DA. A metodologia utilizada para a concretização da pesquisa supracitada, foi de caráter qualitativo, visto que esse tipo de metodologia nos permite compreender melhor o contexto analisado e assim poder compreender até que ponto as DA apresentadas são de ordem “particular” do indivíduo ou podem estar ligadas a outros fatores exteriores ao mesmo. A presente investigação foi realizada em uma escola Municipal da cidade de Campina Grande – PB, com uma professora que atualmente leciona em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental I com alunos na faixa etária de 7 e 8 anos. A profissional é Graduada em Pedagogia e Especializada em Atendimento Educacional Especializado (AEE). Antes de ir a campo coletar os dados que nos deram subsídio a escrita desse artigo, realizamos um estudo de cunho bibliográfico a fim de adquirir mais conhecimento sobre o tema e assim poder realizar e analisar, nossa pesquisa de campo. Para coleta de dados, realizamos uma entrevista semiestruturada totalizando seis questões que nos deram margem para as discussões apresentadas. Os resultados demonstraram que a formação docente capacitada para a atuação com alunos que apresentam Dificuldades de Aprendizagem é de suma importância para o trabalho pedagógico que potencialize as habilidades cognitivas e sociais desses alunos dentro de suas capacidades.

Palavras-chaves: Dificuldades, Aprendizagem, Papel do Cérebro.

INTRODUÇÃO

Introduzido por Samuel Kirk desde 1963, o conceito de Dificuldade de Aprendizagem (DA) ainda é bastante discutido acerca das divergências de opiniões com relação ao mesmo. Muitos estudiosos ainda hoje não fazem a diferenciação entre distúrbios de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, conceitos bem distintos um do outro, mas, constantemente utilizados como sinônimos. De acordo com Fonseca (2009, p. 142), o conceito das DA refere-se à:

[...]um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, incapacidades, ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou específicas, no processo de aprendizagem verbal, isto é, na aquisição, integração e expressão de uma ou mais das seguintes habilidades simbólicas: compreensão auditiva, fala, leitura, escrita e cálculo.

Nessa perspectiva, percebe-se que este pode estar ligado a vários fatores que possam interferir no aprendizado do aluno, diferentemente dos distúrbios de aprendizagem que apesar de uma definição conceitual parecida, dizem respeito a desordens intrínsecas ao indivíduo presumindo uma disfunção no sistema nervoso central, como destacado pelas autoras Tuleski e Eidt (2007). Ainda a esse respeito, as autoras fazem uma ressalva destacando que,

[...]o distúrbio de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras desordens como distúrbio sensorial, retardo mental, distúrbio emocional e social, ou sofrer influências ambientais como diferenças culturais, instrucionais inapropriadas ou insuficientes, ou fatores psicogênicos [...] (HAMMIL, apud TULESKI; EIDIT, 2007, p. 533).

Percebe-se com as conceituações realizadas acima, o ponto chave que diferencia as dificuldades de aprendizagem dos distúrbios de aprendizagem. Considerando a perspectiva dos autores, todo indivíduo com distúrbio de aprendizagem consequentemente apresentará dificuldades na aprendizagem, em maior ou menor grau. Entretanto, não necessariamente um indivíduo que apresente algum tipo de DA, terá distúrbios de aprendizagem.

É com esse intuito que realizamos essa pesquisa, objetivando analisar como a dificuldade de aprendizagem é visualizada no âmbito escolar, compreender como o cérebro funciona em pessoas com dificuldade de aprendizagem e enaltecer a importância do professor, buscando desmistificar essa compreensão errônea sobre as DA, que a deixam em par de igualdade com os distúrbios de aprendizagem, quando na verdade sua abrangência vai além das desordens intrínsecas ao indivíduo, podendo ser causada até mesmo pela metodologia adotada pelo professor em sala de aula, como veremos mais adiante.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos a pesquisa qualitativa que visa uma metodologia de investigação na qual, é realizada com o objetivo de compreender certos paradigmas. A abordagem qualitativa na perspectiva dos autores Ludke e André (1986), é a elaboração de conhecimentos sobre a realidade, procurando realizar reflexões e propor soluções ao problema apresentado, “ou seja, ela

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (DESLANDES; NETO; GOMES; MINAYO, 2002, p. 24), assim os dados não são quantificados porque possuem um caráter subjetivo. A pesquisa de cunho bibliográfico, foi necessária para entender como os teóricos vêem as dificuldades de aprendizagem, para só assim fazer uma ponte com a realidade.

Em relação ao lócus da investigação a presente pesquisa intitulada “Dificuldades de Aprendizagem: O papel do cérebro na aprendizagem” foi realizada em uma escola Municipal da cidade de Campina Grande – PB, com uma professora que atualmente leciona em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental I à alunos na faixa etária de 7 a 8 anos. A mesma possui graduação em Pedagogia e Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE). Desse modo, para a realização da coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada, na qual, é feita a partir de questões já pré-definidas ao tema proposto pelo entrevistador. De acordo com Ludke e André (1982), a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, pois é de suma importância para a pesquisa científica. A entrevista ao contrário da aplicação de questionários possibilita uma interação recíproca entre o pesquisador e o entrevistado, no qual este último discorre sobre determinado tema com base no seu conhecimento e experiências fluindo de maneira natural a partir do diálogo. Assim, “a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam de maneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LUDKE; ANDRÉ, 1982, p. 34). Neste caso, para a utilização do presente trabalho foram utilizadas seis questões para análise e discussões da presente temática.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo do princípio que as DA têm se caracterizado como um problema que tende a provocar sérias dificuldades de adaptação à escola, podendo projetar-se ao longo da vida adulta, é necessário uma maior compreensão sobre o assunto. De acordo com Fonseca (2009), os indivíduos com DA são portadores de um potencial tido como médio, tema que demanda uma reflexão interdisciplinar, pois, a medida em que o indivíduo com DA apresenta vulnerabilidades em algumas áreas do conhecimento, pode também, apresentar uma combinação única e original de talentos quando aprendem determinadas “tarefas”, embora essas, muitas das vezes, não sejam tão valorizados no contexto educacional.

O fato do sujeito com DA não apresentar nenhum fator, patologicamente comprovado, a respeito das dificuldades apresentadas, visto que a depender da situação de ensino esse aluno pode desenvolver suas habilidades, faz com que esse tema se trate de uma reflexão interdisciplinar, como já citado anteriormente, pois, como disposto por Fonseca (2009), os próprios testes que apuram o Quociente Intelectual (QI), não são suficientes para identificar as Dificuldades de Aprendizagem (DA).

Segundo Fonseca (2009), os indivíduos com DA revelam dificuldades inesperadas em variados tipos de aprendizagem, sejam de índole escolar ou acadêmica (simbólica ou verbal), como aprender a ler, escrever ou a contar, ou seja, de índole psicossocial e ou psicomotora (não simbólica e não verbal), a exemplo de aprender a orientar-se no espaço, andar de bicicleta, desenhar ou mesmo interagir socialmente com outras pessoas.

Em relação à explicação filogenética e neurofuncional, sobre a aprendizagem humana, as DA envolvem subtipos relacionados com os dois hemisférios cerebrais, direito e esquerdo. Sendo o esquerdo, de acordo com Fonseca (2009), mais centrado nos subtipos verbais, fonológicos ou psicolinguísticos, caracterizados pela dificuldade na leitura e escrita, e o direito nos subtipos não verbais ou psicossociais. Nessa perspectiva, observa-se a existência de uma relação intrínseca entre a aprendizagem e a integridade do cérebro, ou entre as DA e as disfunções cerebrais.

Ainda há um grande questionamento em relação à definição de DA, pois, em sua maioria a dificuldade de aprendizagem não está apenas relacionada à questão de escrita e leitura como já mencionado aqui, mas, também podem ocorrer em relação à coordenação motora, equilíbrio, espaço corporal, dificuldade de interação dentre outros que podemos elencar como as DA não verbais.

Apesar de não se haver um consenso ao certo sobre as dificuldades de aprendizagem, Fonseca (2009), ressalta algumas questões que embasam sua definição. A primeira está relacionada ao contexto educacional no qual, a criança está inserida. Subentende-se que a criança está integrada ao um sistema educacional que atende todas as suas exigências, com um bom currículo e propostas pedagógicas adequadas aos seus alunos. Dessa maneira, ao apresentar certa dificuldade de aprendizagem, a mesma pode ser confundida com uma dificuldade de ensino ou dispedagogia ambas estão relacionadas a fatores como, por exemplo, descompromisso do professor com o ensino-aprendizagem, falhas metodológicas, sobrecarga de tarefas escolares, que estão além da capacidade real da criança e também podem estar

relacionadas à inadequação da idade/maturidade da criança frente a série que cursa.

Ao se avaliar o processo de aprendizagem deve-se avaliar o conjunto: professor, currículo e aluno. Pois, ambos estão totalmente interligados e para que haja tal ligação é inevitável avaliar de forma separada. Diante do exposto, pode-se enquadrar esse conjunto em dois modelos. O primeiro modelo está relacionado ao modelo isósceles, neste o professor irá manter o seu currículo dito como tradicional, e de forma alguma irá flexibilizá-lo. Desse modo, há uma probabilidade de ocorrerum grande fracasso escolar.

Em contraposição ao modelo isósceles, há o modelo equilátero, neste o professor deverá ter o domínio do seu currículo, mas, a partir da realidade que ele se encontra inserido o mesmo poderá modificá-lo para melhor adaptá-lo as condições encontradas na sala de aula. Desse modo, o mesmo irá rever sua prática criando condições favoráveis para que aquela criança possa se desenvolver de modo satisfatório e consequentemente possa amenizar sua dificuldade no qual, resultará em uma minimização do insucesso escolar.

A segunda questão está relacionada ao perfil de discrepância entre o potencial de aprendizagem intelectual normal e o rendimento ou desempenho escolar abaixo do normal. Ou seja, em nenhum momento a dificuldade de aprendizagem pode ser entendida como uma deficiência mental, pois são coisas distintas. Pode-se ocorrer de um indivíduo ter deficiência mental e consequentemente apresentar dificuldades de aprendizagem, porém, um indivíduo com DA não poderá apresentar uma deficiência mental.

A terceira e quarta estão relacionados aos fatores de exclusão e inclusão. A exclusão por sua vez, ocorrerá no momento em que todos interagem e correspondem a atividades propostas, mas, haverá uma criança que não irá atingir as exigências e a mesma acabará se excluindo por não conseguir realizar determinada atividade e o professor a partir desta observação irá criar meios para incluí-lo nas atividades flexibilizando seu currículo para tentar amenizar sua dificuldade.

É necessário compreender a que problema as DA estão relacionadas para que não haja um diagnóstico equivocado. Sendo assim, Fonseca (2009), nos relata que as Dificuldades de Aprendizagem estão relacionadas com os problemas de processamento de informação. Então, é necessário esclarecer o que é o processamento de informação, este ocorre na interação entre o sujeito e a tarefa que é a leitura e a escrita em que a informação disponibilizada pelo ambiente é processada através de uma série de sistemas de processamento como a percepção (input), a atenção (cognição), desempenho (output) e a retroalimentação (repetir, organizar, controlar, realizar, etc.) no qual estes sistemas de

processamento transformam ou alteram a informação de várias formas sistemáticas.

Nesse processo a aprendizagem ocorre entre o sujeito aprendente e a tarefa (ler ou escrever) que inclui os materiais e recursos utilizados durante a aprendizagem “entre um momento inicial, em que a tarefa não é dominada, e um momento final, onde a tarefa passa a ser dominada e automatizada” (FONSECA, 2009, p. 152). Para que isso ocorra o cérebro tem um papel fundamental, pois ele processa a informação para que ela se verifique como, por exemplo, durante a leitura em que é necessário processar as letras a partir da percepção visual (input), o cérebro categoriza e decodifica as formas das letras e associa ao som correspondente através da percepção auditiva (input) para inferir significação as palavras contidas no texto.

O aluno com DA possui dificuldades para realizar esse processamento de informação porque “o seu cérebro não opera de forma harmoniosa, eficaz e integrada, pois a interação entre ela e a tarefa não se verifica; conseqüentemente poderão emergir dislexias, disortografias ou discalculias, ou seja, as célebres DA” (FONSECA, 2009, p. 153). Então, esse aluno irá apresentar dificuldades para a realização das atividades escolares de leitura e escrita. Assim,

As crianças ou os jovens disléxicos, por exemplo, podem experimentar dificuldades ao nível do input, quer com problemas de atenção sustentada, quer de discriminação de fonemas, ou ao nível da cognição, quando envolve processos de compreensão ou de retenção e rechamada de dados de informação contidos no texto [...]e concomitantemente experimentar igualmente dificuldades ao nível do output, quando lhes é solicitada a produção de um resumo escrito ou falado do mesmo. (FONSECA, 2009, p. 155)

Os alunos com dificuldades de aprendizagem (DA) necessitam de um ensino diferenciado que auxilie no desenvolvimento de suas potencialidades, ajudando-os a usar o próprio corpo como meio de comunicação e expressão. Então, é necessário:

A identificação precoce das DA na Educação Infantil, ou mesmo antes, constitui, portanto, uma das estratégias profiláticas e preventivas mais importantes pra a redução e minimização dos seus efeitos, pois neste período crítico de desenvolvimento a plasticidade neural é maior, o que quer dizer que os efeitos de uma intervenção compensatória e em tempo útil podem ter conseqüências muito positivas nas aprendizagens posteriores. (FONSECA, 2009, p. 160)

É importante ressaltar que a identificação precoce da DA é de suma importância para que ocorra uma adaptação do currículo e a

implantação de estratégias de ensino para intervir com bases sólidas e assim, aprimorar o desempenho da criança. Desse modo, “a urgência de serviços de identificação precoce, de avaliação dinâmica e de intervenção individualizada não pode continuar sendo adiada” (FONSECA, 2009, 167).

Segundo Tuleski e Eidt (2007), a educação escolar tem um importante papel nesse processo ao ponto em que favorece a transformação das funções psicológicas elementares em superiores. De acordo com as autoras, quando a escola não favorece tal apropriação colabora para a manutenção da ordem vigente. Dando sequência a essa linha de pensamento as autoras acrescentam que a psicologia cultural contribui para a base teórica sobre o processo de aquisição de leitura e escrita entre outras funções superiores, ao afirmar que essas funções se desenvolvem a partir das mediações sociais. Nessa perspectiva, as autoras ressaltam o fato de que cabe ao professor exercer seu papel de mediador no decorrer do processo de aprendizagem. Dessa forma, é importante o enfoque no processo de escolarização e não nos problemas/distúrbios de aprendizagem para remover a visão que as dificuldades são resultadas de fatores orgânicos advindos de disfunções psíquicas. Assim, é necessário considerar também o método de aprendizagem e ensinagem que o aluno está submetido, pois podem acelerar e retardar esse processo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para dar continuidade a nossa pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com 6 questões desenvolvidas pelas alunas do 5º período no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na qual podemos perceber a importância da formação dos professores que forneça subsídio ao trabalho pedagógico com os alunos com Dificuldades de Aprendizagem.

No quadro abaixo consta as perguntas utilizadas e as respostas da professora entrevistada em torno da temática proposta nesta pesquisa.

PERGUNTAS UTILIZADAS NA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	
Perguntas	Respostas

1. O que você entende por distúrbio de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem?	Entendo distúrbio como uma dificuldade biológica frente a algum aspecto na leitura e na escrita e/ou dos números e cálculos. É algo que o indivíduo nasce com ele e que o limita nesses aspectos, necessitando dessa forma de um olhar e de uma intervenção mais individual e específica frente a aula da vida acadêmica para que possa avançar e progredir no processo de aprendizagem.
2. Qual a importância de identificar precocemente as dificuldades de aprendizagem nas crianças?	A importância de identificar precocemente as dificuldades de aprendizagem está em intervir o mais cedo possível no processo de apoio e complemento pedagógico junto a esses alunos.
3. Como pode ser feita a avaliação de crianças que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem?	Acredito que a avaliação deve ser feita por uma equipe multiprofissional a partir da observação e hipóteses do professor e/ou do aluno.
4. Quais as dificuldades apresentadas em relação à aprendizagem que os indivíduos com DA apresentam?	As dificuldades podem ser da leitura e na escrita e/ou relacionadas aos números e soluções de problemas acompanhados ou não por hiperatividade e dificuldade de concentração.

5. Como você trabalha com as crianças que supostamente apresentam dificuldades de aprendizagem (DA)?	A escola regular ainda não tem um espaço para esses alunos. Recebemos os alunos observamos as dificuldades de aprendizagem de alguns e vamos dentro das nossas limitações oferecendo um apoio e intervenção mais individual. Contudo, não recebemos a formação continuada em relação ao tema. E o extraclasse que o aluno precisa ainda não existe infelizmente.
6. Qual o papel do professor (a) no processo de ensino-aprendizagem dos alunos DA?	O papel do professor é de fundamental importância no observar e conhecer o aluno. O reconhecimento da individualidade desse aluno. E da possibilidade da dificuldade de aprendizagem ou não dos alunos. Contudo, para intervir junto a esse aluno com qualidade e competência necessita de um trabalho conjunto da escola enquanto equipe e da parceria de outros profissionais e da família. Além do essencial que é a formação, podemos dar o exemplo do PNAIC uma formação muito boa, mas que nesses 4 anos não houve um módulo ou espaço para refletirmos e aprendermos como intervir junto aos alunos dificuldades de aprendizagem. A nossa rede municipal não conta nem com aulas de reforço e nem de apoio a esse público.

Com base nos teóricos estudados, ao analisar a resposta dada pela professora na primeira questão, percebe-se que a mesma define com bastante prioridade em sua fala, os distúrbios de aprendizagem, porém, ela não faz distinção entre os

distúrbios e as dificuldades de aprendizagem, fato perceptível na fala da professora ao ser indagada e responder à pergunta como se os conceitos fossem um só, isto é, distúrbios de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem como sinônimos um do outro. Vale lembrar, como relatado logo no início das discussões acerca da similaridade existente entre os conceitos, embora os conceitos supracitados sejam parecidos, possuem diferenças consideráveis. Ao considerá-los como sinônimos, conseqüentemente estaremos considerando também que as DA se encontram intrínsecas no indivíduo, desconsiderando outros fatores que podem estar ligados a essas dificuldades apresentadas pelo aluno com DA.

Já no segundo questionamento, a resposta dada pela pedagoga está totalmente coerente. Fonseca (2009), relata que a identificação precoce das DA, preferencialmente logo na Educação Infantil ou mesmo antes, se constitui em uma das mais importantes estratégias preventivas em prol da redução e minimização dos efeitos causados pela mesma, visto que, segundo o autor, esse é um período crítico no desenvolvimento da plasticidade neuronal do sujeito, logo, os efeitos de uma intervenção realizada nesse período do desenvolvimento apresentam grandes chances de resultados positivos.

Em relação, a terceira questão, a professora menciona a avaliação com caráter multidisciplinar, ou seja, a observação partirá da professora que convive com a criança diariamente, na qual, irá identificar a dificuldade e passará o caso para uma equipe que possa diagnosticar com laudo, no qual, poderá ser um psicopedagogo ou psicólogo dependendo do caso. Posteriormente, a quarta questão que está relacionada às dificuldades apresentadas por uma criança com DA. É perceptivo que a professora atribui a DA apenas a dificuldades relacionadas à leitura, escrita, problemas matemáticos e sabemos que não está relacionada apenas a esses fatores. Fonseca (2009), ressalta que as DA podem ser dificuldades verbais ou não verbais, no qual estão relacionadas a dificuldades de interação ou aspectos psicossociais. Pois, uma criança poderá apresentar um desenvolvimento adequado em relação a leitura e escrita, porém não há um desenvolvimento em relação a coordenação motora. A professora, também coloca em questão o acompanhamento de hiperatividade com relação as DA. A criança pode apresentar a hiperatividade, porém, ser superdotado de conhecimentos não afetando o seu desenvolvimento ou apresentar dificuldades pela hiperatividade, vai depender muito da região afetada no processamento de informação.

Na quinta questão, a professora relata que a escola regular não dispõe de suportes e de um apoio especializado voltado para os alunos com DA. É importante observar os alunos que apresentam as características da dificuldade de

aprendizagem para que enquanto pedagoga possa direcionar e adaptar suas aulas bem como oferecer um atendimento individualizado para esses alunos. Ela ressalta que não existe o apoio extraclasse como o AEE na instituição, pois o suporte para esses alunos deve ser na escola regular que frequentam para que se efetive a inclusão educacional. No entanto, ela deixa claro na sua resposta que não recebe uma formação continuada sobre o tema, por isso, exerce a sua prática pedagógica dentro de limitações.

Por fim, no último questionamento da entrevista a professora reconhece a importância do professor no processo de ensinoaprendizagem dos alunos DA onde o processamento de informações cerebrais é prejudicado, pois ele deve observar e conhecer os alunos para identificar sinais de risco que interferem no processo de aquisição da leitura e da escrita, pois comprometem o processo do desenvolvimento que implica em dificuldades nas áreas psicomotora, linguística, cognitiva, socioemocional, dentre outras. A partir deste questionamento concordamos que “há a necessidade de compreensão dos educadores do que é a dificuldade de aprendizagem e quais as suas causas para que possa tomar medidas necessárias à superação destas” (BRITO; RASIA, 2017, p. 34). Então, quando o educador conhece as limitações e potencialidades do aluno com DA, ele consegue realizar um trabalho pedagógico direcionado e específico a partir de uma mediação adequada para o desenvolvimento e aprendizagem desse aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é perceptível a necessidade de uma formação docente que propicie aos professores a capacitação para o trabalho com os alunos diagnosticados com DA, na qual atuem como mediadores no processo de ensinoaprendizagem a partir de atividades transdisciplinares que levem em consideração as potencialidades dos mesmos e o que são capazes de desenvolver dentro do quadro clínico. Por isso, é essencial intervir, modificar e adaptar o currículo da escola para atender as especificidades destas crianças privilegiando ações pedagógicas que respeitem suas habilidades. Tal medida pode potencializar o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da aprendizagem destas crianças, mas elas também necessitarão de avaliação neuropsicológica e psicopedagógica para analisar com mais detalhes suas habilidades e verificar a possibilidade de intervenções individualizadas.

Vimos que nas escolas as DA são vistas como disfunções do sistema nervoso central, no qual, o aluno que apresenta um ritmo mais lento para

aprender ou que aprende de forma diferente dos demais é logo rotulado, e assim permanece como se tivesse uma patologia. Então, é necessário olhar para esse aluno para identificar suas capacidades e potencialidades em vez de classificá-lo dentro de algum distúrbio ou doença e opor-se a rotulação do aluno. Assim, cabe a escola e ao professor ampliar a visão sobre as Dificuldades de Aprendizagem, pois quase sempre o problema não é de aprendizagem, mas de ensinagem. Ademais, o professor juntamente com a escola devem buscar meios e alternativas para que o aluno avance no processo de aprendizagem escolar.

É necessária uma formação docente que prepare o professor para favorecer a aprendizagem do aluno com dificuldade de aprendizagem por meio de um processo dialógico, pois é através do diálogo que o professor conhece o aluno para atuar de acordo com seu desenvolvimento, bem como deve ser uma formação que leve o professor a refletir e ressignificar a sua prática pedagógica de acordo com a realidade do aluno. Contudo, “o maior desafio das DA está do lado da qualidade do ensino e da excelência dos suportes e serviços proporcionados pelo sistema de ensino” (FONSECA, 2009, p. 167) que ainda são limitados.

Portanto, é fundamental o professor ter consciência sobre a dificuldade de ensinagem ou dificuldade escolar, pois esta contribui para o não-aprender da criança visto que ela não aprende por meio de um processo de ensino convencional, é preciso promover as suas funções cognitivas com a adequação do currículo, da metodologia e do sistema de avaliação adotados pela instituição escolar que implique em uma aprendizagem satisfatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Lucicleide de; RASIA, Maria da Guia Rodrigues. Compreensão do professor de ensino fundamental I acerca das dificuldades de aprendizagem. In: _____; MELO, Rosemary Alves; SANTIAGO, Zélia Maria de Arruda (orgs.). **Desenvolvimento Humano e Educação Escolar**: Enfoques teóricos e práticas educacionais. João Pessoa: Ideia, 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FONSECA, Vitor da. Dificuldades de aprendizagem: o papel do cérebro na aprendizagem. In: _____. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (p. 139-167)

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nadia Mara. Repensando os distúrbios de aprendizagem a partir da psicologia histórico-cultural. In: **Psicologia em estudo**. Maringá. v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007.